

## Os Infernos na elegia 4.7 de Propércio: um diálogo entre elegia, épica e filosofia<sup>1</sup>

Francisco Edi De Oliveira Sousa  
Universidade Federal do Ceará, Brasil

### Resumo

Este trabalho aborda uma representação dos Infernos feita pelo fantasma de Cíntia na elegia 4.7 de Propércio e um decorrente diálogo com outro poema elegíaco, com a épica e com a filosofia a respeito do mundo dos mortos. Em 4.7 Propércio está em casa, adormecido, pouco depois de retornar dos funerais de Cíntia (v. 3-12); então o fantasma dela surge e se comunica com ele (v. 13-94); em meio a acusações e recomendações, ela descreve os Infernos onde se encontra (v. 55-70) e explica como pode visitá-lo em sonho (v. 87-94); ao fim ela desaparece (v. 95-96). Esse poema evoca as elaborações dos Infernos da elegia 1.3 de Tibulo, das *Geórgicas* (4.475-484) e do canto 6 da *Eneida*, dialoga com a *Iliada* e recupera um debate filosófico presente na *República* de Platão, no *De rerum natura*, de Lucrécio, e no primeiro livro das *Tusculanae disputationes*, de Cícero. Com essa rica trama intertextual, Propércio propõe uma reflexão poética, filosófica e religiosa: o primeiro dístico alude ao episódio do fantasma de Pátroclo na *Iliada* (23.62-107), texto que enseja um debate sobre os sonhos e o mundo dos mortos; a *República* (376c-387b), o *De rerum natura* (3.978-1023) e o livro 1 das *Tusculanae* tomam parte nesse debate tecendo uma crítica aos *pseudea* dos poetas quanto ao reino da morte. Essa estratégia intertextual resulta em uma enriquecedora formação de sentido: emergem assim do texto o mito de Orfeu, uma relação de Cíntia com Dido, Anquises e Creúsa e a concepção de uma espécie de *pietas* elegíaca. Quanto ao gênero, a elegia eleva seu tom e discute matéria épica. Desse modo, em 4.7 Propércio nos convida a discutir os Infernos de um ponto de vista filosófico e religioso e demonstra o valor literário desse tema, das *literaturas infernais*.

Linha temática: “Diálogos intertextuais com a Literatura Clássica”

Palavras-chave: Propércio, elegia 4.7, reino dos mortos

\* \* \*

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal do Ceará. Este trabalho resulta de uma pesquisa desenvolvida no estágio pós-doutoral realizado na Université de Paris-Sorbonne – Paris IV em 2012-2013, sob a supervisão de Hélène Casanova-Robin, com financiamento da CAPES (Proc. n° 5515/12-2).

A elegia 4.7 de Sexto Propércio (c. 50-15 a. C.) integra o rol dos textos que trabalham a temática infernal. O poema aborda um episódio subsequente aos funerais de sua *puella*, Cíntia: o poeta repousa em casa quando a imagem da falecida o visita em sonho (v. 3-12), profere um discurso (v. 13-94) e parte (v. 95-6). Nesse discurso, uma descrição dos Infernos (v. 55-70) delinea-se entre protestos e acusações respeitantes ao amor (v. 13-54) e recomendações ao ex-amante (*mandata*, v. 71-86), as quais findam com a solicitação de um epitáfio (v. 85-6) – um testemunho da relação entre o epigrama funerário e o dístico elegíaco. Protestos, acusações, recomendações, referência a etapas do rito fúnebre são elementos característicos de um “epicédio” elegíaco<sup>2</sup>; o mesmo, todavia, não se pode afirmar de uma descrição dos Infernos, que constitui um elemento mais típico do universo épico; por conseguinte, a presença desse elemento já insinua um diálogo com o gênero épico. Neste trabalho, investigamos na elegia 4.7 a elaboração desses Infernos, diálogos com outros textos e o resultante processo de formação de sentidos.

O poema trata o tema da morte de modo amplo: antes de expor seus Infernos, toma parte em um antigo debate filosófico e religioso a respeito da natureza da alma e da existência do reino dos mortos. O primeiro dístico (*Sunt aliquid manes: letum non omnia finit, / luridaque extinctos effugit umbra rogos*<sup>3</sup>) alude ao episódio do fantasma de Pátroclo na *Iliada* (23.62-107), considerado a nascente desse debate. Platão retoma a questão na *República* (386a-387b) ao criticar representações inadequadas (*ψεύδεα*) do mundo dos mortos veiculadas por certas fábulas de poetas como Homero e Hesíodo;<sup>4</sup> com uma fundamentação diferente, Lucrécio tece crítica semelhante à de Platão ao interpretar as fábulas do Aqueronte no *De rerum natura* (3.978-1023). Esse dístico de Propércio resgata toda essa discussão ao aludir também a uma passagem do *De rerum natura* que a sintetiza, pois as palavras *aliquid*, *effugit* e *umbra* de 4.7 ecoam em um trecho em que Lucrécio introduz a teoria dos *simulacra* e reitera a inexistência do mundo dos mortos: [...] *ne forte animas Acherunte reamur / effugere aut umbras inter uiuos uolitare / neue aliquid nostri post mortem posse relinqui* (4.37-39). Cícero, por sua vez, recupera esse debate no livro I das *Tusculanae disputationes* e o revigora no universo romano em uma época próxima à de Propércio. Com essa teia alusiva, a elegia

---

<sup>2</sup> Videau-Delibes (1991, p. 333-64) realiza um estudo detalhado desses tópicos. Quanto à relação entre o epigrama funerário e a elegia, a crítica reconhece traços do epigrama 7.476 da *Antologia Palatina* nesse poema de Propércio (cf. Videau, 2010, p. 84).

<sup>3</sup> O texto de Propércio é o editado por Heyworth (2007).

<sup>4</sup> Dué (2001) examina essa alusão à *Iliada* e sobretudo a possível mediação da *República* nesse processo alusivo.

4.7 propõe uma interlocução entre poesia, filosofia e religião no meio do qual aflora uma representação dos Infernos.<sup>5</sup>

Os Infernos ocupam os versos 55-70 e apresentam duas divisões, concebidas em função da fidelidade das mulheres: primeiramente um Tártaro, onde estão as infiéis (v. 57-8), depois os Campos Elísios, onde estão as fiéis (v. 59-70), entre as quais se encontra Cíntia. Essas divisões e outros índices alusivos descortinam uma estratégia textual que dialoga com a *Eneida* e as *Geórgicas* (4.475-484), de Virgílio, e com a elegia 1.3 de Tibulo. As alusões mais palpáveis à *Eneida* evocam o sexto canto:

**Começo dos Campos Elísios** (6.637-47)

*His demum exactis, perfecto munere diuae,  
deuenero locos laetos et amoena uirecta  
fortunatorum nemorum sedesque beatas.  
largior hic campos aether et lumine uestit  
purpureo, solemque suum, sua sidera norunt.  
pars in gramineis exercent membra  
palaestris,  
contendunt ludo et fulua luctantur harena;  
pars pedibus plaudunt choreas et carmina  
dicunt.  
nec non Threicius longa cum ueste sacerdos  
obloquitur numeris septem discrimina  
uocum  
iamque eadem digitis, iam pectine pulsat  
eburno.*<sup>6</sup>

**Lugentes campi** (6.442-4)

*hic quos durus amor crudeli tabe peredit  
secreti celant calles et myrtea circum  
silua tegit; curae non ipsa in morte  
relinquunt.*

**Anúncio das divisões dos Infernos** (4.7.55-6)

*nam gemina est sedes turpem sortita per  
amnem,  
turbaque diuersa remigat omnis aqua.*

**Campos Elísios** (4.7.59-62)

*ecce coronato pars altera rapta phaselo  
mulcet ubi Elysias aura beata rosas,  
qua numerosa fides, quaque aera rotunda  
Cybebes  
mitratisque sonant Lydia plectra choris.*

**Campos Elísios** (4.7.69-70)

*sic mortis lacrimis uitae sancimus amores;  
celo ego perfidiae crimina multa tuae.*

<sup>5</sup> O diálogo da obra de Propércio com a filosofia é objeto de uma longa pesquisa em curso.

<sup>6</sup> O texto da *Eneida* é o editado por Gian Biagio Conte (Vergilius, 2011). Em negrito estão os índices alusivos de Propércio e as passagens aludidas em Virgílio.

**Portas do Sonho** (6.893-6)

*Sunt geminae Somni portae, quarum altera fertur cornea, qua ueris facilis datur exitus umbris, altera candenti perfecta nitens elephanto, sed falsa ad caelum mittunt insomnia Manes.*

**Portas dos sonhos** (4.7.87-8)

*nec tu sperne piis uenientia somnia portis: cum pia uenerunt somnia pondus habent.*

**“Abraço” no simulacro de Anquises (6.700-2) e no de Creúsa (2.792-4)** **“Abraço” no simulacro de Cíntia** (4.7.95-6)

*ter conatus ibi collo dare bracchia circum, ter frustra compressa manus effugit imago, par leuibus uentis uolucrique simillima somno.* *haec postquam querula mecum sub lite peregit, inter complexus excidit umbra meos.*

Que sentidos esse diálogo com a *Eneida* desperta na elegia de Propércio?

A alusão feita pelos dísticos 4.7.55-6 e 4.7.59-62 aos versos 6.637-47 da *Eneida* coloca em evidência a figura de Orfeu, residente dos Campos Elísios, e com isso evoca a catábase suscitada pela morte da amada e o triângulo arte-amor-morte, temas de grande interesse para a elegia. Assim como Orfeu, Propércio perde sua *puella*; no entanto, à diferença de Orfeu, não perece em razão dessa perda: em seu contato com o mundo dos mortos, o fantasma de Cíntia o autoriza a buscar o *seruitium amoris* de uma outra (4.7.94-5). Quanto ao triângulo, as noções de *amor* e *mors*, amalgamadas, são bastante estudadas na poesia de Propércio,<sup>7</sup> e sua *persona* elegíaca assume claramente o papel de poeta (como em 1.7, 2.1, 2.3, 2.13, 2.34, 3.23, 3.24). Em 4.7, os três elementos desse triângulo estão bem configurados e transparecem no dístico em que Cíntia exprime uma primeira razão para perdoar a perfídia de Propércio: *non tamen insector, quamuis mereare, Properti: / longa mea in libris regna fuere tuis* (4.7.49-50). O longo reinado da *puella* nos livros do poeta explicaria o perdão. Considerando a relação estabelecida com Orfeu, a razão apresentada nesse dístico sugere um canto dotado do poder encantatório de comover: Propércio insinua-se um Orfeu elegíaco cujas *numerosae fides* apaziguam o coração de uma *puella* enraivecida. Além disso, poderíamos pensar que a perfídia do amante seria compensada pelo renome que seus versos

<sup>7</sup> Cf. Agnes K. Michels (1955), R. J. Baker (1970), S. Commager (1974), Theodore Papanghelis (1987), John Warden (1996), R. O. A. M. Lyne (1998), Casey Dué (2001).

atribuem à *puella* – no que tange a esse último aspecto, convém ressaltar a feição ficcional do fazer elegíaco, a existência no *reino dos livros*.

A alusão seguinte, feita pelo dístico 4.787-8, retoma as portas do Sonho da *Eneida* (6.893-6).<sup>8</sup> Cíntia as convoca a fim de assegurar a veracidade de sua aparição e, por conseguinte, de seu discurso. Nessa retomada, uma modificação se destaca: as portas da verdade não são as de chifre da *Eneida*, mas as piedosas. Segundo June Allison (1980, p. 334),<sup>9</sup> com essa mudança, além de atestar a verdade e em especial a *fides* de Cíntia, Propércio evocaria o *pius* Eneias (e em consequência a *fides* mais importante devida ao destino de Roma). A evocação de um *pius* Eneias salientaria por contraste um pérfido Propércio. Desse modo, a estratégia textual colocada em prática com essa modificação traz à tona uma espécie de *pietas* da elegia amorosa, calcada na fidelidade. À luz dessa *pietas*, Dido surgiria como uma *puella* que não mantém o juramento feito ao falecido esposo. Com isso e com o paralelo anterior entre Eneias e Propércio, Cíntia põe-se em paralelo com Dido e ao mesmo tempo dela distingue-se. June Allison (1980, p. 333) observa uma expressão do paralelo e da distinção entre as duas: a afirmação de fidelidade feita por Cíntia no verso 53 (*me seruasse fidem*) evoca uma confissão de infidelidade feita por Dido em 4.552 (*non seruata fides cineri promissa Sychaeo*). E outra passagem desse canto (4.381-6) amplia tanto o paralelo quanto a distinção entre elas: com a partida do Eneias, Dido evoca *pia numina* (*si quid pia numina possunt*, 4.382) a fim de prejudicar o amante pérfido; enquanto Cíntia evoca *piis portis*, *pia somnia* a fim de assegurar a veracidade de seu perdão à perfídia do amante.<sup>10</sup> Essa noção de *pietas*, todavia, exige uma reflexão mais acurada. A elegia amorosa reveste-se de um carácter moralmente reprovável, descomedido (*nullo uiuere consilio*, 1.1.6; *errat qui finem uesani quaerit amoris: / uerus amor nullum nouit habere modum*, 2.15.29-30; *turpis amor*, 2.16B.36), contrário aos deuses (*aduersos cogor habere deos*, 1.1.8); tal carácter normalmente subverte a hierarquia da *pietas* praticada pela sociedade romana: para o amante a *puella* vem à frente dos deuses, de Roma (1.6), da família (2.7.19-20) e dos amigos. Esse universo proclama o poder do Amor, diante do qual os amantes se submetem

<sup>8</sup> E aquelas da *Odisseia* (19.560-7).

<sup>9</sup> June W. Allison (1980) examina a relação de 4.7 (e 4.8) com a *Eneida*; seu estudo é essencialmente guiado pelos termos *regnum*, *amor*, *mors* e *fides* e explora em particular os laços entre Cíntia e Dido e entre a elegia 4.7 e o quarto canto da *Eneida*.

<sup>10</sup> June Allison (1980, p. 333) serve-se dessa passagem da *Eneida* para discutir relações possíveis entre *regna* (v. 381) e *frigida mors* (v. 385) do poema de Virgílio e *frigida regna* desse de Propércio (4.7.6). Ela comenta ainda o seguinte paralelo nessa elegia: descontextualizada, a expressão *frigida regna* sugere os Infernos; no contexto dessa elegia, o leito de amor; com isso nasceria um paralelo entre *Infernos* e *Amor*, *Morte* e *Amor*.

como servos; e, diante desse poder, mesmo essa versão elegíaca de *pietas* revela-se cambaleante, frágil. No poema 1.19, por exemplo, imaginando sua morte, Propércio deseja que sua *puella* não o esqueça, que se mantenha fiel à sua memória; mas, ao fim dessa divagação, resigna-se, pois sabe que as promessas de fidelidade na elegia amorosa correspondem frequentemente a *fallacia uerba* (4.7.21), uma vez que *flectitur assiduis certa puella minis* (1.19.24). E em 2.34 Propércio afirma ninguém ser fiel no amor (*expertus dico, nemo est in amore fidelis*, v. 3). A esse respeito, a elegia 2.9 é muito significativa, uma vez que externa traços de um contraponto de 4.7: nela o discurso é do amante preterido, que acusa a *puella* de impiedade por tê-lo traído (*at tu non una potuisti nocte uacare, / impia, non unum sola manere diem!*, v. 19), de perfídia (*perfida*, v. 28) e jura que nada lhe foi nem será mais caro do que ela (v. 43-4), embora a considere inimiga em razão da infidelidade; então ele evoca seu suposto comportamento piedoso (*si forte pios eduximus annos*, v. 47) a fim de pedir um castigo para o rival que desfruta de sua *puella*. Nesse poema, o adjetivo *impia* atribuído à *puella* infiel e o contraste estabelecido com *pios annos* do amante reforçam a hipótese de uma noção de *pietas* elegíaca fundada na fidelidade, ainda que falaciosa. Com base nessa reflexão, Dido se comporta como uma mulher elegíaca vencida pela força do Amor (o Cupido em pessoa em seu caso). E, no sonho de Propércio, Cíntia, dizendo-se fiel, estaria nos Campos Elísios dos Infernos da *Eneida*, em companhia de Orfeu, enquanto Dido ocupa os *lugentes campi*. Desse modo, a evocação das portas do Sonho e a noção de *piis portis* e de *pia somnia* assinalam a concepção de uma *pietas* elegíaca; ademais, somada à dos *lugentes campi* e à de Dido, essa evocação desenha um horizonte de significação diante do qual a imagem de Cíntia se torna muito mais densa.

Enfim, a alusão feita pelo conteúdo do último dístico (v. 95-6), combinada com a evocação das portas dos Sonhos, põe de início Cíntia em paralelo com Anquises, aquele que toma a palavra nos Campos Elísios a fim de explicar o funcionamento dos Infernos, aquele que visita Eneias em sonho (*Eneida* 5.722-45) e por quem Eneias penetra no reino dos mortos (*Eneida* 6.695-6). A segunda evocação feita por esse dístico revela um paralelo ainda mais interessante: o simulacro épico de Creúsa aparece para informar ao esposo que o destino deseja que ele prossiga sem ela, pois outra esposa o espera (2.783); por sua vez, o simulacro elegíaco de Cíntia visita seu amante para perdoar sua perfídia e autorizá-lo a dedicar-se ao *seruitium* de outra *puella* antes de morrer.

Portanto, nesse diálogo estabelecido com a *Eneida*, concretizamos os seguintes fios de significação na leitura de 4.7: um vínculo (metapoético) com o mito de Orfeu, a concepção de uma espécie de *pietas* elegíaca (ainda que falaciosa) e uma relação de Cíntia com Dido, Anquises e Creúsa.

Essa conexão com o mito de Orfeu ressoa ainda em outra representação dos Infernos elaborada por Virgílio, a das *Geórgicas* (4.467-84). O relato da catábase de Orfeu dialoga com a passagem do *De rerum natura* evocada por Propércio no primeiro dístico de 4.7: a expressão *simulacraque luce carentum* ocorre nas *Geórgicas* 4.472 e no *De rerum natura* 4.35. Virgílio participa do referido debate filosófico e religioso a respeito do reino dos mortos; e com isso essa elegia de Propércio dialoga indiretamente com esses Infernos das *Geórgicas*. Esse diálogo indireto intensifica-se através da evocação do texto que é considerado o principal modelo dos Infernos de 4.7, a elegia 1.3 de Tibulo, cujos versos 67-74 mantêm expressivos contactos com a passagem 4.475-84 das *Geórgicas*.

Nesse poema, a persona elegíaca de Tibulo, doente em um recanto desconhecido da Feácia, teme a morte; então, recorda os momentos anteriores à partida (v. 9-20), condena a audácia de ir contra a vontade do deus Amor (v. 21-2), pede sua recuperação (v. 21-34), faz o elogio do reino de Saturno e a crítica do de Júpiter (v. 35-50), declara-se pronto para morrer e dita seu epitáfio (v. 51-6); em seguida surge uma descrição dos Infernos com os campos Elísios (v. 57-66) e o lugar dos castigos (v. 67-82); enfim, pede a Délia que preserve a castidade (v. 83-8) e imagina o dia de revê-la (v. 87-94). Nesse poema, os Infernos são concebidos conforme a visão de um amante elegíaco: Vênus aí governa, e em função do amor as sombras são encaminhadas aos Campos Elísios ou à *scelerata sedes*; à primeira divisão, vão amantes com cabelos ornados de mirto (planta consagrada a Vênus, v. 65-6), como Tibulo, conduzido pela própria deusa (v. 57-8); à segunda divisão, vão aqueles que cometem crimes contra o amor (v. 67-80) e em particular aqueles que violentam ou perturbam os amores do poeta (v. 81-2).<sup>11</sup> Esse poema exerce forte influência sobre a composição dos Infernos da elegia 4.7 de Propércio:

**Anúncio do Tártaro** (1.3.67-8)

*At scelerata iacet sedes in nocte profunda  
abdita, quam circum flumina nigra sonant;*<sup>12</sup>

**Anúncio das divisões** (4.7.55-6)

*nam gemina est sedes turpem sortita per  
amnem,  
turbaque diuersa remigat omnis aqua.*

<sup>11</sup> Raffaele Perrelli (2002, *ad* 73-6, 75 e 77) evoca nesse ponto a ideia de um catálogo de condenadas de acordo com um princípio erotocêntrico da elegia: Tício teria tentado violar Leto – Íxion teria feito o mesmo em relação a Juno (v. 73); quanto a Tântalo e às Danaides, a perfídia seria o crime.

<sup>12</sup> Usamos o texto de Tibulo editado por M. Ponchont (Tibulle, 2007).

**Campos Elísios** (1.3.57-62)

*Sed me, quod facilis tenero sum semper  
Amori,  
ipsa Venus campos ducet in **Elysios**.  
Hic **choreae** cantusque uigent, passimque  
uagantes  
dulce **sonant** tenui gutture carmen aues;  
fert casiam non culta seges, totosque per  
agros  
floret odoratis **terra benigna rosis**;*

**Tártaro** (1.3.79-80)

*et **Danai proles**, Veneris quod numina laesit,  
in caua Lethaeas dolia portat aquas.*

**Anúncio do Tártaro** (1.3.67-8)

*At **scelerata** iacet sedes in nocte profunda  
abdita, quam circum flumina nigra sonant;*

**Campos Elísios** (4.7.59-62)

*ecce coronato pars **altera** rapta phaselo  
mulcet ubi **Elysias aura beata rosas**,  
qua numerosa fides, quaque aera rotunda  
Cybebes  
mitratisque **sonant** Lydia plectra **choris**.*

**Campos Elísios** (4.7.63-8)

*Andromedeque et **Hypermestre** sine fraude  
marita  
narrant historias, pectora nota, suas.  
haec sua maternis queritur liuere catenis  
bracchia nec meritas frigida saxa manus.  
narrat **Hypermestre** magnum ausas esse  
sorores:  
in **scelus** hoc animum non ualuisse suum.*

É manifesta a relação entre essas elegias, especialmente no que tange aos Campos Elísios. Quanto à elaboração, há duas distinções: Propércio concede mais espaço aos Campos Elísios e não segue a ordem das divisões trabalhada por Tibulo (principia com o lugar dos castigos e em seguida passa aos Campos Elísios, percorrendo a sequência da *Eneida*). O poeta resgata de Tibulo a ideia de Infernos para amantes e o esboço de uma noção de *pietas* elegíaca pautada na fidelidade. A importância acordada aos Campos Elísios reflete-se em um curioso procedimento imitativo referente às filhas de Dânao: enquanto Tibulo coloca no Tártaro aquelas que matam seus maridos, Propércio escolhe aquela que poupa o marido e a coloca nos Campos Elísios. Esse destaque dos Campos Elísios valoriza a imagem de Cíntia, dona da voz no discurso, e sua *pietas* elegíaca, a fidelidade.

Todos esses diálogos revelam que Propércio serve-se especialmente da *Eneida* e do poema



1.3 de Tibulo para elaborar os Infernos da elegia 4.7; esse processo criativo teria deixado um indício, uma instrução textual para o receptor. Theodore Papanghelis (1987, p. 154) observa em 4.7.19 os termos *Venus triuio* e os relaciona com a construção *Hecate triuiis* da *Eneida* (4.609); de acordo com ele, ao substituir Hécate por Vênus, Propércio preservaria a alusão a Hécate e produziria uma erotização do mistério noturno ligado ao termo *triuium*. Conhecida essa análise de Papanghelis, podemos explorar um pouco mais essa passagem. No sexto canto da *Eneida*, é a deusa Hécate quem detém o poder sobre o bosque do Averno (v. 117-8): ela aí colocou a Sibila, e a Sibila a invoca antes de penetrar nesse lugar (v. 247). Na elegia 1.3 de Tibulo, é Vênus quem detém o poder nos Infernos. Considerando o diálogo do texto de Propércio com esses dois modelos, a construção *Venus triuio*, posicionada antes da descrição dos Infernos, indicaria esse paralelo funcional entre Hécate e Vênus: a invocação de tais deusas antes de “ingressar” nos Infernos. Conjugando assim os modelos, essa expressão constitui um índice da estratégia textual, um rótulo da combinação dos Infernos de Tibulo e de Virgílio na elegia 4.7.

Nesse estudo, descobrimos, pois, Cíntia descrevendo Infernos onde se encontra e atravessando Infernos onde se confronta com Dido, brinca de ser Anquises, Creúsa e desenvolve a ideia de uma falaciosa *pietas* elegíaca, a fidelidade.

### Referências bibliográficas

- Allison, June W. (1980) “Virgilian Themes in Propertius 4.7 and 8” *Classical Philology* 75: 332-38.
- Baker, R.J. (1970) “*Laus in amore mori*: love and death in Propertius” *Latomus* 29: 670-98.
- Cairns, Francis (2006) *Sextus Propertius: the Augustan Elegist*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Commager, S. (1974) *A Prolegomenon to Propertius*. Norman, Okla.: Cincinnati University Press.
- Dué, Casey (2001) “*Sunt Aliquid Manes*: Homer, Plato, and Alexandrian Allusion in Propertius IV 7” *Classical Journal* 96: 401-413.
- Heyworth, S. J. (2007) *Sexti Properti Elegos*. Critico apparatus instruxit et edidit S. J. Heyworth. New York: Oxford University Press.
- Lyne, R. O. A. M. (1998) “Love and Death: Laodamia and Protesilaus in Catullus, Propertius, and Others” *Classical Quarterly* 48: 200-12.
- Michels, Agnes K. (1955) “Death and Two Poets” *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 86: 160-79.

- Papanghelis, Theodore D. (1987) *Propertius: a Hellenistic Poet on Love and Death*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Perrelli, Raffaele (2002) *Commento a Tibullo: Elegie*, Libro I. Soveria Mannelli: Rubbettino.
- Tibulle (2007) *Élégies*. Texte établi et traduit par Max Ponchont. Paris: Les Belles Lettres.
- Videau-Delibes, Anne (1991) *Les Tristes d'Ovide et l'Élégie Romaine: une poétique de la rupture*. Paris: Klincksieck.
- Videau, Anne (2010) *La Poétique d'Ovide, de l'Élégie à l'Épopée des Métamorphoses: essai sur un style dans l'Histoire*. Paris: PUPS.
- Vergilius (2011) *Aeneis*. Recensuit atque Apparatu critico instruxit Gian Biagio Conte. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- Warden, John (1996) "The Dead and the Quick: Structural Correspondences and Thematic Relationships in Propertius 4.7 and 4.8" *Phoenix* 50: 118-29.